

## ***Fratelli tutti*: os desafios humanistas atuais e o ser cristão**

**Yasmim Abrahão Raposo**

Graduanda de Letras-Francês pela

Universidade Federal Fluminense,

Ex-aluna do Colégio Anchieta

Nova Friburgo, Rio de Janeiro, Brasil.



[Baquiart, The Grand Fondation, Nova York]

Ao escrever *Fratelli tutti*, Papa Francisco perpassa pelos princípios inalienáveis do ser e fazer cristão, discursando sobre a fraternidade, o amor, o perdão, a importância da educação e seu potencial transformador à luz de São Francisco. A carta toca delicadamente em realidades complexas da comunidade global e, em meio a uma pandemia que hoje se alastra pelo mundo e adocece milhares, adquire um tom emergencial e sensível que busca engajar cristãos e corações empáticos a entrarem novamente em contato com sua própria humanidade e com a sociedade.

Este artigo, portanto, busca analisar as palavras de Francisco em efeito e acordo com os atuais contextos mundiais, tecendo maneiras de projetar seus benefícios através da educação e da arte que – sendo pilares institucionais e culturais comuns e legais a todos – constituirão caminhos sólidos e evangélicos para solucionar questões e expandir ideias.

## O Individualismo exacerbado, a noção de comunidade global e sua praxe



[A Ansiedade, Edvard Munch, Museu Munch, Oslo]

Antes de adentrarmos a problemas sociais recorrentes e graves como a desigualdade social e a negligência da falta de acesso a direitos básicos, precisamos analisar um novo cenário que surge com força nos dias atuais. Não só a Igreja Católica em sua atuação, mas também filósofos e sociólogos relatam e estudam a mudança drástica que a cultura do consumo e a supervalorização do “eu” incentivaram na maneira em que o homem interage na sociedade.

A globalização denota uma exportação e importação de ideias, produtos e contatos intensa e onipresente. A todo momento e a cada segundo somos um, estamos em todos os lugares (pelas redes sociais, televisões, aviões e outros meios de transporte), sabemos de tudo o que ocorre e opinamos sobre todos os acontecimentos, porém, apesar disso, exigimos cada vez mais nossa individualidade. Não como instrumento de reconhecimento de minorias, diferenças e peculiaridades étnicas, mas como ênfase da superioridade e egoísmo, o indivíduo surge nos desejos contemporâneos e assume seu perigo cotidianamente. Com isso, manifestações são feitas a partir do cartaz e do pedido de cada um e não de todos para todos, países fecham suas fronteiras para imigrantes e cortam investimentos em pactos e alianças globais a favor da saúde e do meio ambiente, pautas de violência e guerras são relativizadas em comitês de emergência internacionais e organizações internacionais são diminuídas e abandonadas quando um país se depara com alguma instabilidade financeira interna.

Nesse sentido, é evidente que a ascensão de governos facistas e ufanistas aconteça de forma cíclica e torne-se um desejo de certa parcela da população que nesta bolha social se define e entende como nativo de algum lugar, pertencente de alguma esfera ou classe social e apenas isso. A compreensão de comunidade se demonstra na prática como um conceito desfalcado e conveniente, desnudando em períodos caóticos como o atual cenário de pandemia, um paradoxo tenso que, de um lado é insuficientemente empático e, de outro, intensamente acessível e intercambiável.

Se a economia está estável, o resto do mundo finge ser feliz, mesmo que em outras realidades o ser humano possa estar sucumbindo. Se “eu” tenho condições de comer, trabalhar e estudar são justificáveis o comodismo e a indiferença, mesmo que no meu próprio país existam pessoas com fome.

### **A normalização de problemáticas sociais e ambientais e o descaso institucional**



[Comedores de batata, Van Gogh, Museu Van Gogh, Amsterdam]

Para além das dificuldades subjetivas que circundam e dificultam a compreensão de comunidade global, negligências sérias e profundas são performadas pelas grandes nações de maneira indireta, direta e arbitrária.

Se tratando de países desenvolvidos que constituem o principal eixo econômico-militar do mundo, políticas públicas são exploradas efetivamente, garantindo renda mínima, alimento, acesso a saneamento, saúde e educação pública, cultura e lazer.

Contudo, o resto do mundo que se encontra em desenvolvimento ou em subdesenvolvimento não vive a mesma realidade, as pessoas passam então, a circular em outros espaços a procura de melhores condições de vida enquanto muros são erguidos e fronteiras fortificadas.

A hipocrisia que se alastra pelos países ocidentais não permite a convivência legal e a inclusão de imigrantes e refugiados no território nacional. O terrorismo e seus casos pontuais passam a ser motivo do não acolhimento e as guerras passam a ser negadas impulsivamente, mesmo que financiada e muitas vezes promovida por essas mesmas nações. Reclama-se da falta de mão de obra jovem para funções estruturais do país ao mesmo passo em que se reclama da quantidade excessiva de jovens imigrantes no país a procura de emprego. Espalha-se ideias de conservação e proteção ambiental dos mares e florestas nacionais e concomitantemente descarta-se lixo tóxico e produtos reativos nos oceanos e territórios africanos e americanos.

Criam-se comitês e pactos urgentes para controlar a entrada de retirantes e refugiados, potências saem e retornam de acordos internacionais e o dinheiro não é investido para nada que tire alguma vida estrangeira do risco.

Em países em desenvolvimento, o Banco Mundial exige o mínimo para que o consumo ou a falta dele não traga prejuízo, elites locais visam empresas e multinacionais em seu território, permitindo e estimulando o trabalho precário e exaustivo. Questões como a saúde e o estudo são retirados da responsabilidade do estado e sua qualidade questionável é oferecida para a maior parte da população que não pode pagar por um serviço particular.

Em termos ambientais, as comunidades desenvolvidas propõem novas fontes de energia e maneiras de reflorestamento e proteção, buscando em outros territórios com falta de fiscalização a exploração natural que afirma não mais realizar.

Há um descaso e uma normalização evidente das barbáries e injustiças mundiais. A longo prazo, a miséria, a pobreza e a urbanização extrema incentivam o aumento da violência, o agravamento de doenças e epidemias e a devastação ambiental. Para o aumento da violência, os governos adotam medidas punitivas mais incisivas que relativizam a capacidade de amar de cada um, terminando por uma escolha tão violenta quanto a julgada e esquecendo da possibilidade e necessidade de projetos educativos e artísticos que possam garantir uma readaptação social.

## **A Igreja Católica e sua atuação**

Independente do país e religião predominante, é fato que a Igreja Católica se encontra muitas vezes mais presente e disposta para o povo do que o governo. O acolhimento de pessoas diversas com problemas e dificuldades diversos em lugares diversos, desnuda uma realidade complexa, porém esperançosa: não há proteção institucional à vida de certas pessoas, mas há compaixão. O ser humano se corrompe facilmente à frente da seduzente rotina consumista e individualista que rege as novas relações econômicas, entretanto, em um espaço religioso, tem a capacidade de retomar o olhar para o outro e ser <sup>1</sup>MAGIS: mais para si e para sua comunidade.

Com isso, é possível perceber que a Igreja possui posição privilegiada de diálogo com as camadas da sociedade pois, apesar de não conscientizar e atuar diretamente pelos meios tradicionais do governo, conscientiza e atua de maneira sensível e presente no cotidiano das pessoas. É uma oportunidade não apenas de evangelizar e obter mais fiéis como também de impulsionar reflexões mais íntimas que culminam num estímulo a sensações e ações empáticas e humanas que passam a partir da emoção e da razão do fiel.

### **O amor, o perdão e o acolhimento acima de tudo**



[O filho prodigo, Barenti Fabritius, Museu Rijks, Amsterdam]

---

<sup>1</sup> Conceito formulado por Santo Inácio que afirma a necessidade de sempre querer ser mais para si mesmo e para o outro a serviço.

«Deus é amor, e quem permanece no amor, permanece em Deus» (1 Jo 4, 16), Francisco cita esse versículo em sua encíclica e o retoma recorrentemente ao longo do texto. Pode parecer óbvio ou redundante pensar em Deus como materialização do amor ou vice-versa, no entanto, esse reforço torna-se necessário quando as sociedades banalizam e se acostumam com a morte e a barbárie sem que isso evolua para uma reflexão filosófica e comportamental que busque mudanças. Guerras e censuras acontecem a todo momento, a violência caminha junto com as desavenças econômicas, e os preconceitos e intolerâncias concluem o absurdo que todos são obrigados a assistir todos os dias: o julgamento odioso.

Em teoria, temos acordos universais inalienáveis que enfatizam direitos humanos que não devem, em nenhuma circunstância, serem desrespeitados ou inacessíveis para as comunidades mundiais, contudo, hoje temos: 690 milhões de pessoas com fome, 4,2 bilhões de pessoas sem acesso a saneamento básico e a água limpa, 1,3 bilhões de pessoas vivendo na pobreza multidimensional, 258 milhões de jovens e crianças sem acesso à escola, 80 milhões de deslocados internos e refugiados. Ao analisar os dados, só nos cabe concluir que um número considerável de habitantes ao redor do globo não obteve seus direitos básicos respeitados e assegurados. É um acordo humano e social quebrado e desfeito antes mesmo do indivíduo nascer, uma verdade vil.

Os números de mortes, violência e conflitos seguem aumentando não surpreendentemente, mas surpreendentemente a punição aumenta com a justificativa de solução dos problemas. Mais de 11 milhões de pessoas no mundo encontram-se hoje atrás das grades, sua maioria em condições subumanas e/ou sendo fonte de mão de obra barata e análoga à escravidão para o estado e empresas. 50 países possuem a pena de morte legalizada em seu território, executando, cada um, de 300 a 2 mil pessoas por ano. Os índices, entretanto, não diminuem e nem prometem melhora e o governo e grupos políticos que promovem e financiam esses feitos se quer se empatizam ou buscam conhecer essa triste realidade, deixando muitas vezes para missionários e cristãos o dever de fornecer compaixão e ajuda.

Há de se refletir o amor e o perdão nesses casos. Há de se perguntar porque um erro grave, em um cenário tão insalubre e injusto culmine na negação do acolhimento, da empatia e da sensibilidade. Há de se estudar porque ou para quê a vingança e punição se demonstra mais seduzem-te e persuasiva para solucionar questões. Deus perdoa, ama e cuida de todos porque todos são seus filhos e são capazes de humanizar. As pessoas

deveriam igualmente amar e cuidar de todos não apenas como irmãos e filhos de Deus, mas também como humanos e habitantes de uma casa comum.

Por fim e também, há de se perguntar por que o pré-julgamento persiste em se disseminar e por que a intolerância religiosa e a exclusão de minorias são insistentemente alimentadas nas sociedades conservadoras e tradicionais. Inferioriza-se a busca de felicidade e a fé das pessoas, ao mesmo tempo em que se esquece os principais pilares da nossa fé.

### **A educação como solução pacificadora e humanista nas relações e na razão**



[Padre Anchieta, Pe. Vicenti Prosperi, Colégio Anchieta, Nova Friburgo- Rj]

Não há revolução e resistência maior que ensinar alguém. Mais do que abrir horizontes e apresentar novas formas de projetar convivências saudáveis e justas, a educação permite uma construção interna e massiva da conscientização social. O indivíduo é acolhido como cidadão e passa a possuir condições de se enxergar capaz, de escolher seu próprio destino, de obter novas oportunidades dentro da sociedade e, se já privilegiado, de ter embasamento científico e teórico para poder fazer a diferença em sua localidade.

Os Jesuítas e Franciscanos por exemplo, antes de qualquer ato, educaram. Traçaram pedagogias inovadoras congruentes a realidade dos alunos e a partir do ensino, trouxeram experimentos empíricos da evangelização. Ensinos de Jesus figuram-se mais palpáveis e acessíveis no estudo, podem ser comprovados e degustados de maneira a impregnar a essência, sendo aprendizagem inesquecível e insubstituível daquele que

realmente os absorveram, mesmo que a vida os enquadre a um cotidiano cansativo e perturbador que diminui as preocupações sociais e terceiriza as relações.

A razão e o entendimento passam a trabalhar para o bem-estar comum, e as decisões individuais buscam uma eficácia social, criando jovens que escolhem não seu bruto e simplório sustento, mas contribuição profissional para sociedade. Como afirmava São José de Anchieta “As cores da vida somos nós que pintamos” e isso se dá apenas em conjunto e trabalho mútuo.

É preciso então, que a valorização de um ensino público, democrático e tolerante seja incentivada, bem como a luta contra a educação mercantil e empresarial seja firmada, para que se crie pessoas capazes de viver em conjunto e respeito e não sobreviver apenas para si de maneira assalariada.

### **A arte como solução pacificadora e humanista para a alma e a essência**



[Nick Alive, Rio de Janeiro]

Quando a razão e a lógica são amplificadas e renovadas, o contato com os sentimentos e o estímulo a compaixão e empatia são o próximo passo para o fazer e ser cristão. Apesar da pós-modernidade e do individualismo intenso, o consumo artístico é compartilhado e compreendido independente de fronteiras. Seja pela música, pelo cinema, pelo teatro, pela pintura, pela literatura ou pela dança, a arte tem o poder inigualável de pertencer e representar todos, sem que questões socioeconômicas atrapalhem o seu acesso. Assim como os mais abastados assistem a exposições de telas e quadros clássicos, a periferia divide e grafita seu ambiente.



Através da arte, é possível emergir pessoas de diversas culturas e camadas sociais em uma realidade específica e isso estimula não apenas o pensamento crítico, como também estimula a sensibilidade de se experimentar viver no lugar do outro. Ela pode ainda, se apoiar em diversos suportes, aparecendo nas ruas, jornais, revistas, livros, museus e até na própria internet e redes sociais.

No Brasil, São José de Anchieta utilizou o teatro para evangelizar e educar os índios, assim como Antônio Vieira utilizou da oratória e da escrita para tocar e mexer com o coração dos fiéis. Curiosamente, no mesmo Brasil, centenas de anos depois, projetos como o Teatro do Oprimido de Augusto Boal – reconhecido e admirado internacionalmente – foram aplicados e oferecidos a parte mais vulnerável da população, trazendo resultados positivos e inesperados em termos de ressocialização e resgate da violência e miséria. Não é à toa que Marques de Pombal expulsou os Jesuítas do país, as vezes a humanidade e a compaixão incomoda camadas sociais superiores que se negam a enxergar o outro.

Projetos e ideias que visam a arte, salvam jovens da violência e do tráfico, confortam pessoas doentes e com problemas psicológicos, abraçam e curam solidão e abandono e, principalmente, unem todos sem preconceito e separatismo. É uma maneira de sensibilizar para além da razão, sensibiliza a alma e a essência e educa através da paixão, assim como facilmente evangeliza com poderosa leveza e delicadeza.

### **As emergências nacionais, a reforma das Nações Unidas e o repensar internacionalista**

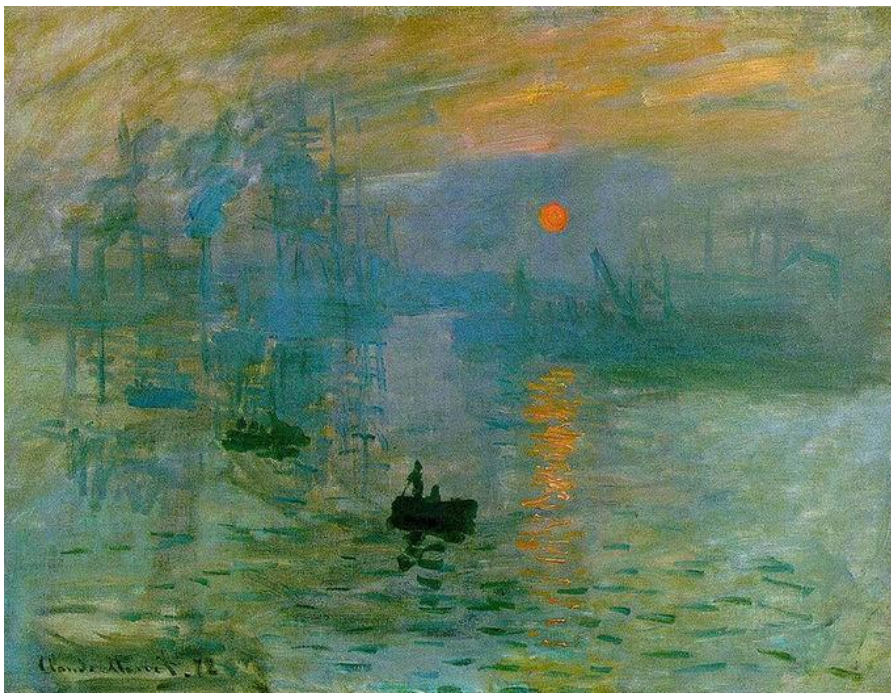


[Imigrantes, Kobra, Nova York]

Visto o poder transformador e único da educação e da arte aplicadas em culturas específicas e territórios nacionais que potencialmente trazem consciência social e estimulam a criação de projetos e políticas públicas para amenizar a miséria e as desigualdades sociais, torna-se então, possível debater uma questão pontual e extremamente precisa comentada em *Fratelli tutti*: é necessário repensar as leis, políticas e organizações internacionais. Se há preocupações e problemas mundiais, é contraditório criar muros ou selecionar apenas alguns países para se debater questões. Tendo a ONU como exemplo, seus comitês de caráter acionário (como o Conselho de Segurança e a Corte Internacional de Direitos Humanos) pecam em garantir direito de veto e limitação de países nas decisões principais. Conflitos escandalosos como guerras e violências institucionais, muitas vezes são adiados e minimizados por esses países que, na promessa de representar outros, se posicionam apenas para o benefício próprio e ajudam apenas a si mesmos.

Exigir e estimular projetos e debates que visem a participação, seja recomendatória ou não, de nações mais pobres e vulneráveis, ou lideranças reconhecidas – visto que muitas comunidades nem possuem governo – é uma pauta que deve ser discutida e desejada, já que vivemos para uma causa comum. Além disso, mediações entre países com bloqueios econômicos e intercambiais devem ser realizadas, como bem fez Francisco em 2014 entre Cuba e Estados Unidos.

### **O dever cristão de cada dia**



[Impressao, Nascer do Sol, Claude Mone, Museu Marmottan Monet, Itália]

O que pode um cristão enfim, realizar e praticar cotidianamente para garantir que a fraternidade, o amor, o perdão, a solidariedade e a compaixão desejadas em *Frattelli tutti* sejam disseminadas e resolvam essas lacunas humanistas da sociedade? Ser para o outro, e amar. Que a fé, portanto, seja instrumento não apenas para a felicidade e encontro pessoal, mas sirva como uma chama que ascenda outros fogos e possa acolher pessoas independente de suas culturas, suas religiões, seus hábitos, seu gênero e sua condição socioeconômica. Que o homem não seja apenas para si e use de seus mecanismos tecnológicos avançados para espalhar o bem e a ajuda, lutando contra as punições desenfreadas e as guerras que alastram o mundo e nos afastam da sensibilidade e o dever com o outro; e que as comunidades possam entender integralmente que a tolerância e a paz não é bondade e generosidade dada simplesmente de bom grado, mas uma obrigação enquanto seres humanos que compartilham a mesma terra.

A partir daí, que os voluntariados e missionários dobrem de tamanho e atuação, que a igreja continue e insista em aparecer nos lugares aonde o estado negligencia ajuda, e que busque constantemente a contribuição de jovens nessa missão, pois assim, a luta pelo amor se dará de maneira muito mais visceral, onipresente e produtiva. Um futuro melhor nas mãos dos jovens, estará sempre garantido, assegurado e protegido.

Que a memória, exemplo e admiração pelas personalidades citadas na encíclica como Martin Luther King, Desmond Tutu, Mahatma Ghandi e o Beato Carlos de Foucauld, sirvam como inspiração e estímulo a realização do bem, bem como estejam abertas a novas inspirações de jovens contemporâneos e ativistas, como Malala Yousafzai, Marielle Franco e Greta Thurnberg, muitas vezes hostilizadas e diminuídas pelas lideranças mundiais.

Que os ensinamentos de Santo Inácio de Loyola estejam presentes e embasei a espiritualização e a vontade de amar e servir, que o amor e a justiça sejam por fim, o único parâmetro que meça nossas decisões, pois como dito na canção de Antônio Cardoso:

“É Jesus este pão de igualdade  
Viemos para comungar  
Com a luta sofrida do povo  
Que quer ter voz, ter vez, lugar  
Comungar é tornar-se um perigo  
Viemos para incomodar  
Com a fé e a união nossos passos  
Um dia vão chegar”

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BOAL, Augusto. Teatro do Oprimido e outras poéticas políticas. Rio de Janeiro; Editora Civilização Brasileira S.A., 1977.

BAUMAN, Sygmunt. Modernidade Líquida. Rio de Janeiro; Editora Zahar, 2001.

COLI, Jorge. O que é arte. São Paulo; Editora Brasiliense S.A., 1995. Coleção Primeiros Passos.

COTRIM, Gilberto; PARISI, Mario. Fundamentos da Educação, História e Filosofia da Educação. São Paulo: Editora Saraiva, 1982.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e Punir: nascimento da prisão. Rio de Janeiro; Editora Vozes, 2014.

LOYOLA, Santo Inácio de. Exercícios Espirituais. São Paulo; Edições Loyola, 1985.

MANACORDA, Mario Alighieiro. História da Educação, da Antiguidade aos nossos dias. São Paulo; Editora Cortez, 1997.

SILVA, Cesar Augusto Tovar. Os Jesuítas no Rio de Janeiro, a saga dos Jesuítas na construção da história do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro; Editora Puc-Rio, 2015.

[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20201003\\_enciclica-fratelli-tutti.pdf](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf), acessado em 19/03/2021.

<https://forbes.com.br/listas/2018/04/8-paises-com-o-maior-numero-de-execucoes-por-pena-de-morte/>, acessado em 19/03/2021.

<https://news.un.org/pt/story/2020/06/1717232#:~:text=Ao%20todo%2C%20s%C3%A3o%2079%2C5,refugiado%20%C3%A9%20de%2026%20milh%C3%B5es>, acessado em 19/03/2021.

<https://www.cartacapital.com.br/sociedade/brasil-terceira-maior-populacao-carceraria-aprisona-cada-vez-mais/>, acessado em 19/03/2021.

<https://www.futura.org.br/258-milhoes-de-criancas-e-jovens-nao-tem-acesso-a-educacao/>, acessado em 19/03/2021.

<https://www.un.org/>, acessado em 19/03/2021.